

ENSINO-APRENDIZAGEM NUMA PERSPECTIVA HUMANISTA: UMA ANÁLISE NA SALA DE AULA

Fabrício de Carvalho dos Anjos¹; Bruno Moraes Cury²; Leandro Bicalho Lopes¹; Daniele Pereira Linhares¹; Jenneffer Neves Pereira de Souza¹; Karyne Lopes Pereira¹

Resumo: *Este trabalho objetivou-se visualizar um grupo de crianças em processo de aprendizagem, a partir de uma lente humanista, com base, principalmente, na Abordagem Centrada na Pessoa. O método utilizado foi o de observação sistemática com seguidas anotações relevantes, em que se observou que houve pouca aprendizagem significativa e eficaz do ponto vista humanista.*

Palavras-chave: *humanismo; educação; abordagem centrada na pessoa; Carl Rogers.*

Introdução

Este trabalho é resultante de uma observação feita no âmbito escolar, tendo como pano de fundo a teoria de Carl Rogers aplicada à educação, designada Aprendizagem Centrada no Aluno. Relacionou-se esse referencial teórico com experiências observadas numa escola de ensino fundamental do município de Ponte Nova, MG. Objetivou-se visualizar um grupo de crianças numa situação de aprendizagem, a partir de uma lente humanista. Carl Rogers adaptou sua experiência clínica para a área da educação, com visão eficaz e contemporânea, baseada no modelo da Abordagem Centrada na Pessoa, criado pelo mesmo autor.

Segundo Rogers (2009), a aprendizagem ocorre como um todo, indo além do aumento de conhecimento, penetrando todas as parcelas da existência do indivíduo. Esse autor considera a aprendizagem como uma “insaciável curiosidade inerente ao ser humano, em que a sua essência é o significado” (Capelo, *apud* Rogers, 2000), focando no processo e não no conteúdo. O professor deve ter em conta que os alunos aprendem

¹ Estudantes do curso de Psicologia – FACISA; e-mail: fabriciocabp@hotmail.com;

² Professor do Curso de Psicologia - FACISA

aquilo que para eles é significativo, sendo a passividade, muitas vezes vivida na sala de aula, produto e produtora de desinteresse e uma das maiores inimigas de uma aprendizagem eficaz. Segundo Rogers (2009), o único aprendizado que influencia significativamente o comportamento é o aprendizado autodescoberto, autoapropriado. Assim, “a aprendizagem significativa acontece quando o assunto é percebido pelo aluno como relevante para os seus propósitos, o que significa que o aluno aprende aquilo que percebe como importante para si” (Capelo, *apud* Rogers, 2000).

Um conhecimento autodescoberto não pode ser comunicado diretamente à outra pessoa, pois o indivíduo que tenta esse processo, com um entusiasmo natural, começa a ensinar, e os resultados disso não têm consequência. Isso quer dizer que o professor, ao tentar assumir um papel ativo e de transmissor do saber, está fadado a não conseguir o seu objetivo. Deve-se deixar o estudante livre para escolher, como uma pessoa que se respeita e que se motiva, evitando assim obrigá-lo ao conformismo, tornando a educação reconstrutora da experiência do próprio indivíduo.

Material e Métodos

A experiência foi realizada no dia 24 de fevereiro de 2010, em uma escola pública situada no município de Ponte Nova, MG, no período da manhã, das 7 às 11h30. A turma é do 4º ano, constituída por alunos de dez a 11 anos. Nesse dia, os alunos tiveram aula das disciplinas de Educação Religiosa, Português e Geografia. Utilizou-se o método da observação sistemática, que os observadores permaneceram na mesma sala, sentados em locais definidos pela professora, fazendo o uso de fichas para anotações de aspectos relevantes.

Resultados e Discussão

Após a apresentação à turma, foi proposta, pela professora aos alunos, uma avaliação. Enquanto esses faziam, foi possível observar um cartaz definindo o que “PODE” e o que “NÃO PODE” dentro da sala de aula. Esse cartaz está em desacordo com qualquer precondição postulada pelo humanismo no processo ensino-aprendizagem. Segundo

Rogers (2009), apontar o que é permitido e o que não é, numa educação tradicional, é um demonstrativo de como a educação escolar perpassa por um caráter muito mais coercitivo do que libertário, desencorajando o aluno a ter uma confiança básica na sua própria capacidade de autodirigir-se e autodescobrir-se, partindo de um referencial externo à realidade do aluno para corrigi-lo.

Durante a avaliação, os alunos (todos ao mesmo tempo) começaram a ter dúvidas de interpretação e a professora as esclareceram. Posteriormente, esses entregaram a avaliação e iniciaram a disciplina de Ensino Religioso. A professora distribuiu um dado texto com o título: “O que é amar?”. A proposta foi ler, recortar, colar e colorir. No fim do texto, tinha um coração em que era para escrever o nome do amor dos amores (DEUS). Alguns, antes da professora explicar, já haviam escrito os seus próprios nomes. A etapa posterior consistiu em a professora perguntar para cada aluno, o que para eles significava a palavra “amar”. Com base nessas colocações, pode-se dizer que a professora facilitou a ocorrência de uma aprendizagem significativa, quando proporcionou aos alunos falarem do que é amar, a partir de suas próprias referências; assim, esses tiveram a possibilidade de estabelecer um real contato com problemas importantes da sua existência, sendo levados a refletir o que para eles se fundamenta a palavra amar. Além disso, na medida em que surgiu a oportunidade de cada um falar e ouvir o significado dessa palavra, houve aproximação considerável da turma, contribuindo para uma aceitação maior entre os alunos. Rogers (2009) aponta que falar de si, de forma congruente com os seus próprios sentimentos, facilita também em ouvir o outro, aceitando-o melhor, ou seja, na medida em que a pessoa se conhece mais, essa também se torna mais capaz de se colocar no lugar do outro e entendê-lo.

A professora trouxe também para sala, o caso de um leãozinho que foi criado por seres humanos como animal doméstico, mostrando-os alguns dos sentidos da palavra amar. Tratando-se de um caso real e não de uma situação meramente ilustrativa, deu margem para o despertar da vontade das crianças de também darem exemplos que lhe são significativos, o que não foi permitido pela professora. Duas alunas tentaram expor uma reportagem que viram na TV sobre escravidão infantil, ou seja, relatar um problema real, as quais foram reprimidas pela professo-

ra. Segundo Rogers (2009), tem-se de encontrar uma maneira de desenvolver um clima conducente ao crescimento pessoal, em que as capacidades criadoras dos atores escolares sejam nutridas e expressadas, em vez de abafadas. Teve-se aí a perda de um momento oportuno para que houvesse a aprendizagem, pois quando uma turma encara a didática como uma experiência que pode utilizar para resolver problemas que os afetam, é importante que o professor receba o que o aluno traz para a aula, a fim que haja progresso no processo ensino-aprendizagem.

Após a finalização da atividade, iniciou-se a disciplina de Português, com propostas de ler uma história em quadrinhos, em forma de jogral, e fazer as atividades de interpretação posteriores. A professora perguntou aos alunos se esses gostavam de gibis e, após todos responderem que sim, com exceção de uma aluna, a professora propôs uma leitura para que a aluna passasse a gostar. Foi possível observar, neste momento, uma tentativa de fazer com que essa aluna abrisse mão dos seus próprios gostos para se sujeitar a optar pelo desejo do coletivo (Como assim não gostar de gibis? Todo mundo gosta...). É pertinente destacar ainda que a aceitação dos sentimentos dos estudantes, sejam lá quais forem, estão relacionados com o que Rogers (2009) chamou de Aceitação Incondicional e, segundo esse autor, está provoca a evolução e aprendizagem em seu melhor funcionamento.

No que diz respeito aos recursos disponíveis (livros, textos, mapas etc.), Rogers (2009) afirmou que esses deveriam ser postos à disposição dos estudantes e não impostos. Dessa forma, o estudante se sentiria à vontade para utilizá-lo ou não em seu processo de aprendizagem, caso achasse necessário. Não foi o que se percebeu com a leitura do gibi.

Rogers (2009) afirmou ser muito importante permitir que o conhecimento se organize no e pelo indivíduo, em vez de ser organizado para o indivíduo. A professora perguntou aos alunos qual o dia da semana era o favorito deles. Todos tiveram a oportunidade de falar de si, sintetizando o motivo pelo qual optaram por aquele dia. Mais uma vez foi possível perceber a facilitação do contato de cada um com sua experiência, numa situação de aprendizagem.

O objetivo primordial do Ensino Centrado no Aluno é o de que o estudante abandone a passividade e adquira papel ativo, de intervenção no seu próprio processo de aprendizagem, o que significa que a aprendi-

zagem deixa de estar centrada no professor, para passar a estar centrada no aluno.

Ao voltar para a sala de aula (pós-recreio), a professora informou que faltaram livros para as outras turmas e que os alunos teriam que emprestá-los. Os alunos mostraram-se eufóricos, afirmando que não achavam justo ter que emprestar. Segundo o proposto por Rogers (1976), este seria um momento oportuno para ser trabalhado como esses sentimentos são experienciados por cada aluno, tornando-se possível melhor simbolizá-los, a fim de também causar aprendizagem. Porém, a fala da professora foi: “O que eu disse? Temos de ser solidários”, distanciando-se assim da experiência real dos alunos, já que o sentimento questionado não era solidariedade e sim injustiça. Tem-se por definição de compreensão empática, “a capacidade de se colocar verdadeiramente no lugar do outro, de ver o mundo como ele o vê” (Rogers; Kinget, *apud* Gobbi, 1988 p.45). O autor afirma ser imprescindível esse tipo de aceitação, para que haja um clima facilitador para a aprendizagem.

Conclusões

Percebeu-se, neste trabalho, que houve poucos pontos em que realmente ocorreu uma aprendizagem significativa. O método utilizado pela educadora estava muito distante do proposto pela teoria rogeriana. Observou-se que tanto os professores quanto os alunos já vêm a escola como uma estabelecadora de papéis, ou seja, a professora tendo um papel coercitivo e os alunos, de passivo. Finalizando, com base na proposta de “liberdade para aprender”, concluiu-se que a aprendizagem ocorreu justamente nos momentos em que houve essa liberdade cedida pelo do professor, confirmando que há uma motivação intrínseca ao ser humano, que só permanece em seu estado manifesto quando o indivíduo se vê livre para construir o próprio conhecimento (ROGERS; STEVENS, 1976).

Referências Bibliográficas

LE FRANÇOIS, Guy R. **Teorias da aprendizagem**. 5.ed. São Paulo: Cengage: 2008.

CAPELO, Fernanda Mendonça de. Aprendizagem centrada na pessoa: contribuição para a compreensão do modelo educativo proposto por Carl Rogers. **A Pessoa como Centro - Revista Estudos Rogerianos**, n. 5, 2000.

ROGERS, Carl, KINGET, G. M. **De pessoa para pessoa**: o problema de ser humano. São Paulo : Novos Ubrais, 1976.

ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**. São Paulo, Martins Fontes: 2009.